



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O PODER DA LINGUAGEM NO PROCESSO EDUCACIONAL

Jaquissom Aguiar Guimarães⁴⁰⁸
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida*
(UESB)

RESUMO

Este artigo pretende discutir, na tentativa de um olhar filosófico, as relações entre a educação, o aprendizado e a política. As palavras certamente são os veículos por onde se busca ou se distancia destes objetivos, logo, a essência de ler ou escrever, portanto, não se limita somente a registros em uma folha de papel, contudo consiste na consciência e na escrita da própria existência em sua singularidade. Na tentativa de produzir uma reflexão em que dialeticamente está envolvido, mas quase nunca é convidado a emitir um parecer sobre si mesmo e sobre as estratégias que lhe constituirão, a fim de contribuir para uma reflexão ético-educacional-existencial a partir da ótica do educando enquanto ser em formação que está destinado a tornar-se um autêntico homem.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado. Educação. Linguagem.

INTRODUÇÃO

Devido à exigência de uma escrita padronizada, somos levados a produzir uma escrita semântica e institucional, proporcionada pelas regras do sistema neoliberal, tendo como base, o vestibular e os diversos concursos que significam o modelo de ascensão pessoal e profissional. Porém devido ao caráter instrumental

⁴⁰⁸Discente do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Participante da iniciação científica intitulada "Educação e Ética em Kierkegaard e Paulo Freire". E-mail: jaquissomgm@gmail.com;

* Jorge Miranda de Almeida. Prof. Dr. Titular Filosofia DFCH-UESB. Prof. permanente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, colaborador do Programa de Pós-graduação em Linguística, UESB. Coordenador do projeto de pesquisa intitulado A educação e a ética em Kierkegaard e Paulo Freire. E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

e tecnológico, produz-se um texto artificial e vazio, como explica Suassuna (1997) “dado através de formulas, estruturas, gramatica e conceitos uteis”, como por exemplo, não utilizar o eu, não usar gírias, não expressar duvidas, sentimentos, medos, desejos, fantasias... A objetividade e o rigor científicos adentraram a sala de aula e o que se exige do professor e do aluno são dados pré-fabricados, são conteúdos transmissíveis e não produzidos, são pensamentos prontos que precisam ser decorados e reproduzidos como critério de maturidade e aprendizado. Dessa forma, parafraseando Suassanas (1997) “o reflexo de uma escola eficaz não é dado através da percepção e da expressão do sujeito livre, crítico e engajado sobre a realidade, mas sobre a diminuição dos erros gramaticais, notas de avaliações e competências linguísticas” (SUASSANAS, 1997, p. 50)

Estamos vivendo ainda um paradigma completamente ultrapassado em educação. Os estudantes são castrados em sua energia e criatividade e tornados servos imbecis e passivos. As novas e extraordinárias conquistas pedagógicas limitam-se a laboratórios de informática nas escolas. A vitrine escolar não é a construção do decoro e da cidadania, mas blogs, facebook e redes sociais. O grande aparato da discussão reside sobre as tecnologias da educação, dados estáticos e não sobre os milhões e milhões de seres humanos excluídos do mercado de trabalho, das salas de aula, das oportunidades da vida.

Cansado da escrita padronizada e das leituras mecânicas, minha reescrita se faz. Sou eu que quero ser estudado, não como ser narcisista, mas como alguém que precisa saber dos seus limites, dos seus alcances, das suas potencialidades. Pois não quero ser um número estatístico nas páginas do Ministério da Educação. A Escola compreende isso? Os professores certamente não estão preparados para dialogar com um aprendente a partir da sua lógica e da sua realidade, não somente pela quantidade de alunos e pelo curto tempo, mas principalmente pelo seu aprisionamento de um aprendizado sistemático e ultrapassado.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para isso é necessário o abandono de uma escrita superficial e a compreensão de uma realidade distorcida pelo viés ideológico dos professores e dos livros didáticos. Desta vez, quero estudar e compreender como sou e no que posso me tornar, principalmente dentro do campo educacional. Seguramente a educação não é a única maneira, mas um dos caminhos para o encontro de si mesmo, pois uma verdadeira educação promove a escrita como condição de diálogo e que requer autonomia e alteridade, sinônimos de um ser livre.

Este artigo visa percorrer a distância do sonho teorizado para a realidade, mesmo de modo singelo e em outros casos de modo incompreensível, pois ainda reflito e sinto na condição de aprendiz, e, portanto, ainda percutindo somente nas leituras da existência, tateando entre a proporção dos livros, das teorias, dos ensinamentos dos professores e de um ou outro mestre. Parto dos sentimentos que existem dentro de mim com volúpia, com êxtase, com vontade de extravasar em afetos como ensina Spinoza (2008).

São essas significações expostas, por trás destas palavras, que contribuirão para determinar a personalidade que constituirá meu caráter. Com o intuito de estabelecer um debate, uma correção e até mesmo considerações que contribuirão para a construção de um ser ético, libertador. Esse é o objetivo principal deste ensaio, isto é, me expor para me aperfeiçoar e aprimorar a escrever a minha própria história a partir de extratos dos pensamentos de Paulo Freire e Soren Kierkegaard.

Entre muitos autores/filósofos que utilizaram a influência da escrita para encontrar um ser de subjetividade, filtraremos entre Paulo Freire e Kierkegaard, despertado por um grupo de pesquisa intitulado “Educação e Ética em Kierkegaard e Paulo Freire” coordenado pelo prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida, que esses dois pensadores estabelecem uma acirrada crítica aos modelos educacionais de suas respectivas épocas e procuram pensar uma alternativa pedagógica para a construção de personalidades singulares com caráter e compromisso ético para



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

consigo mesmo, para com o próximo e para com o meio social e ambiental em que está inserido.

Kierkegaard afirma taxativamente que “desta maneira, todo o escritor, orador ou professor que se esquia e não se encontra onde está o perigo, onde o mal o açoita, é um impostor, como também ele o demonstrará” (KIERKEGAARD, 1986, p. 61). Para confirmar essa ousadia do filósofo dinamarquês em taxar de impostor um educador basta observarmos o panorama atual dos professores no Brasil, aqueles que estão comprometidos com o plano nacional de educação, portanto, que colocam a educação à serviço do capital econômico, são os mesmos que expõe e desejam na sala de aula à emancipação, a justiça social, a liberdade de expressão. Não se chama isso em linguagem kierkegaardiana e freireana de hipocrisia? Mestre por impostores, não é exatamente este o mal que perdura na educação brasileira?

“Qual é a real finalidade da educação? Qual a razão de se pensar e refletir sobre educação e ética numa perspectiva que procura conciliar dois pensadores tão distantes e tão diferentes?” De acordo com o professor Jorge Miranda de Almeida (2013) é preciso distinguir para abolir a intencionalidade de ideologias, para a intencionalidade de teorias discursivas sobre educação e a ética, superando a concepção dominante de uma educação com pretensões científicas que mantém o discente numa semi-ignorância do analfabetismo funcional e descomprometida com as questões sócio-econômico-políticas.

Em meu percurso no Ensino Médio e há dois anos no Ensino superior, tenho pensado o motivo de tantas teorias escritas, tantos ensinamentos excelentes, mas sem nenhuma relação com a vida real e efetiva dos docentes e discentes pesquisadores desta área. Logo, não seria mais prático repensar o conceito de educação, de leitura, de escrita, de ensino-aprendizagem numa sociedade que precisa urgentemente de substituir os professores ideais pelos mestres reais? Não seria mais sensato ao invés de propor mais teorias e ensinamentos que se



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

discutissem e se aplicassem os ensinamentos existentes à luz da ética e da dignidade humana?

O que é necessário para rescrever à leitura na minha realidade? Como ler a mim mesmo, sem objetivar-me e dissolver-me em esquemas e teorias? Através da leitura, de um pensamento crítico e realista, alcancemos esta esperança revolucionária como sugere Freire. Abandonando uma interpretação no devaneio ideológico e fantástico, mas na procura de escrever um país “democratizado e humanizando”, se relacionando eticamente com os próprios desejos, com o próximo, com o meio ambiente e consigo mesmo. Essa é a minha caminhada em direção a mim mesmo como ser subjetivo que me constituo em cada página que escrevo da minha história, mas também é a caminhada em direção ao próximo, pois como afirma Kierkegaard “o homem é indivíduo e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo e o indivíduo participa de todo o gênero humano” (KIERKEGAARD, 2010, p. 30) e para reforçar acrescenta; “esta é a perfeição do homem [...] a perfeição em si mesma consiste em participar completamente da totalidade. Nenhum indivíduo é indiferente à história do gênero humano, e nem está é indiferente à história do indivíduo” (p.31)

Para isto se faz necessário ter a ousadia de desobedecer, como afirmava Moacir Gadotti “reivindico para o educador o direito à desobediência. A prática da educação começa pela desobediência e pelo desrespeito” (GADOTTI, 1998, p. 70). Desconsiderando a opressão, as ideologias impostas, a repetição... Que consiste na rejeição da indignidade humana.

A subjetividade requer autonomia de ser responsável por suas próprias escolhas, isto é, a negação sobre uma ação é uma afirmação da própria existência. Devo educar a mim mesmo na escola da interioridade e da adversidade. O educador tem uma responsabilidade importante na realização dessa tarefa. Se o docente estiver comprometido comigo como pessoa, com cada discente na sala



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como singularidade única, ele estabelecerá a intersubjetividade como condição de construir o conhecimento e romperá com o modelo da instrumentalização e da transmissão do conhecimento. Desta forma nenhum mestre se submeterá a realização de um método de ensino repetitivo, através de memorização e imposições, nem se limitara ao esclarecimento externo de um aprendizado verdadeiro, mas se educa primeiro, “diminuindo assim a distância entre o dizemos e o que fazemos” (Freire), criando uma própria ideologia, encontrando o próprio sentido:

E é preciso desrespeitar também esses monumentos da pedagogia, da teoria da educação, não porque não sejam monumentos, mas porque é praticando o desrespeito a eles que descobriremos o que neles podemos amar e o que devemos odiar. [...]. Nessas circunstâncias, o educador tem a chance de repensar o seu estatuto e repensar a própria educação. O educador, ao repensar a educação, repensa também a sociedade. (GADOTTI 1998, p. 71)

Logo se fazem necessário, docentes, mestres que estejam dispostos a romper com o esquema melindroso e mentiroso da educação oficial, comprometida e subserviente aos donos do capital. É revolucionário romper com esse paradigma, mas para que isto aconteça é fundamental que o docente e o discente em íntima comunhão como requer Freire, rompam com o modelo perfeito de ser humano, da teoria pedagógica e da didática em evidências e coloquem-se na perspectiva do não saber, na direção do aprendente, para este primeiro ato é necessário assumir-se como imperfeito, como aquele que está procurando o sentido e não daquele que no auto de um título de doutor, de pós-doutor, de escritor, julgue, condene, ensine e amedronte impedindo o exercício e a criação do outro.

Ensinar a sonhar. Nisso consistia o principal objetivo de freire e seu intuito em relação a alfabetização, onde Ler não significasse “caminhar sobre as palavras,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

e também não é voar sobre as palavras. Ler e rescrever o que estamos lendo” (FREIRE, 1921, p. 22). O pernambucano atribuiu uma responsabilidade enorme ao mestre e critica a função do professor, pois o primeiro desconstrói para construir com o aprendiz, o segundo instrumentaliza e reproduz sua ideologia no aluno, mantendo-o na falta de luz e na cegueira existencial. O mestre exercita a maiêutica para deliberar um método com o discípulo onde cada qual pudesse desenvolver a escrita e a leitura da própria história, na busca de um conhecimento autêntico que o constitui como indivíduos singulares e relacionais e, portanto não mais sujeitos frios e estanques de uma engrenagem histórica, econômica e material.

Hugo Assman retoma muito do que penso e se produz no grupo de pesquisa intitulado Educação e ética em Kierkegaard e Paulo Freire na obra “Reencantar a educação - Rumo à sociedade aprendente” (2011), sobretudo no capítulo 2 intitulado “Reencantar a educação Hoje educar significa defender vidas” (p. 22). Tem-se nesta tese uma implicação profunda: defender vidas exige engajamento e responsabilidade em primeira pessoa de cada um que esteja envolvido no processo ensino-aprendizagem. Logo, como conciliar o conteúdo das disciplinas com a defesa da vida? Concordando com Assmann “o panorama educacional brasileiro é desolador, especialmente na escola pública de primeiro e segundo graus. É tal o vilipêndio [...] e as circunstâncias são adversas. Precisamos de muitas frentes de luta pela melhoria da educação” (p. 23).

É desolador ter uma educação onde a maioria dos alunos não consegue interpretar a si mesmo, o texto, a realidade, e só realizam mecanicamente uma leitura superficial e não prática, e por isso não tenha adotado a radicalização que o Assmann, Gadotti e Freire impulsionavam. Logo se faz necessário compreender para desaprender a si comportar de forma contrária, pois naturalmente somos influenciados de acordo com os costumes e tradições de um povo e não segundo uma vida em conformidade com a razão. Logo tal felicidade não estar baseada em



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tais conhecimentos que torne o indivíduo autônomo e livre, mas na busca de resultados estéticos, uma felicidade clandestina e não autossuficiente.

Para lê-lo, portanto se faz necessário ir além do que estar implícito de modo imediato, mas procurar desvendar nas entre linhas sua esperança de tamanha profundidade e a partir disso encontrar uma própria consideração, desvendando o peculiar sentido para a existência.

És um rei. Vive só. Escolhe um caminho livre
E segue por onde te levar tua mente livre;
Aperfeiçoa os frutos das idéias que te são caras,
Sem nada esperar por teus nobres feitos.
Em ti estão as recompensas. De ti és o juiz supremo.
Ninguém, com mais rigor, julgará tua obra.
Judicioso artista, isso te apraz ?
(TALES, 1996, p. 59)

Visando aquele que se encontra no processo de aprendizagem, não é um objeto ou um deficiente com necessidade de caminhar através de muletas. Mas ele deve ser incentivado a problematizar, para que não acredite de ter encontrado o conhecimento, mas que perceba o modo de desvendar tal tesouro, somente assim ele será capaz de desdobrar outros horizontes, desta vez não mais como uma marionete controlada para agir de tal forma.

Contudo ainda não basta, o grande fator responsável pela desordem não estar presente somente em quem ensina, pois mesmo que todos fossem conhecedores de como realizar as leituras de tais teorias não bastaria para aplicar na prática. Consequentemente devemos abordar também não somente quem educa, mas o que deseduca estando em uma sociedade onde cada momento compromete saúde, lazer e dinheiro, consequências inversas do educador mesmo dedicando a maior parte do seu tempo, logo a grande questão consiste na solução desta inversão da teoria devido à incompatibilidade com a prática.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Já dizia Aristóteles é que impossível existir em conformidade com alma sem condições básicas, mas que durante a realização não visar tais fins secundários, mas manter em foco o bem de todos e conseqüentemente de si mesmo, nisso consiste a felicidade mais completa e verdadeira, ao contrário, daqueles que se estabelece uma função não consiste em si mesma, se tornando escravo dos seus desejos, a riqueza, por exemplo, tal sujeito nunca estará satisfeito e tal prática consistira em uma felicidade momentânea, e não um modo de viver eternamente. Apesar de que não há como ser Dom Quixote o tempo todo, agindo em gloriosa loucura.

Quem duvida de que lá para o futuro, quando sair à luz a verdadeira história dos meus famosos feitos, o sábio que os escrever há de pôr, quando chegar à narração desta minha primeira aventura tão de madrugada, as seguintes frases: [...] Ditosa idade e século ditoso, aquele em que hão-de sair à luz as minhas famigeradas façanhas dignas de gravar-se em bronze, esculpir-se em mármore, e pintar-se em painéis para lembrança de todas as idades!". (SAAVEDRA 1960. p. 06)

Tais práticas não consistem em uma escolha, mas um modo de ser, isto é, se baseia na busca de uma atividade constante do sonho até adentrar na realidade, até que os princípios estejam interligados com as vontades, visando o que possa ser e, portanto não si limitando no que é. Práticas inversas no campo da educacional, pois os sonhos estão cada vez mais sendo substituído por planos formalizados, já não mais uma escolha, contudo obrigações dos conteúdos proposto, não mais um ensino partindo do cronograma do professor, contudo um sistema, já não mais o Eu.

Desta forma o educador se converte em meros sujeitos opressores, pois não há meio termo, ou se luta contra, sendo seres utópicos e revolucionários ou a favor do "oprimido", já dizia Paulo Freire e complementa:

Há um tempo que se denomina tempo histórico; é precisamente a história que devemos criar com nossas mãos e que devemos fazer;



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

é o tempo das transformações que devemos realizar; é o tempo do meu compromisso histórico. Por isso mesmo, somente os utópicos – quem foi Marx se não um utópico? Quem foi Guevara senão um utópico? – podem ser profetas e portadores de esperança (FREIRE, 2001, p. 28).

Escrever é um ato nobre e preciso, mas quais as linhas, isto é, escrever sobre qual realidade? Não há como reescrever o mundo acima de possibilidades imaginárias, pois isso consistiria um fingimento, uma escrita superficial e não prática. Então, como escrever um desenvolvimento na educação fazendo ligação com alunos sem condições básicas, que precisam buscar o próprio sustento, e como não são ouvidos pela sociedade acreditam que não tem palavra, como ligar educação de qualidade com professores em salas de aula lotadas sem poder conhecer a situação de cada ser humano, sem espaço apropriado e sem nenhuma valorização.

O professor se caracteriza, portanto, como soldados que vão para a guerra na busca de salvar o mundo, motivado pelas honraria apenas? Para Aristóteles na toda a ação nobre tem em si mesma a felicidade: A vida de atividade conforme à excelência é agradável em si, pois o prazer é uma disposição da alma, e o agradável para cada pessoa é aquilo que se costuma dizer que ela ama (ARISTOTELES, 1985, Pág. 26).

Entretanto, já comentava a professora Amanda Gurgel, “o governo pede que o professor pense em longo prazo, não visar às condições imediatas, contudo a necessidade de alimentação, de transporte, de uma educação de qualidade, é contígua”. Da mesma forma muitos discursos foram criados e banalizados informando a mudança das pessoas da base, do eu primeiramente, que desta forma “conseguiremos mudar o mundo”. Mas e se nada se altera, ou se transforma?

Para conseguir escrever uma sociedade ética através de uma educação libertadora, deve primeiramente procurar proporcionar sentido as palavras ou



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como reerguer a voz. Tanto do professor, quanto do aluno, desconstruindo essa “cultura do silêncio”:

O silêncio do aluno é criado pelas artes da dominação. Eles têm muito para dizer, mas não segundo o roteiro da sala de aula tradicional. Reinventar os aspectos visuais e verbais da sala de aula são duas formas de se opor às artes destrutivas da educação passiva. (FREIRE, 1987, Pág. 144).

Um aluno que acredita que o professor é a fonte da verdade, ou que sua voz não tem significado, nunca irá se expor para discordar, nem ao menos para lutar por seus direitos, um ser aprisionado em seu mundo. Da mesma forma, um professor que não reconhece a sua importância, seus direitos e seus princípios, sua palavra nunca terá voz e conseqüentemente será destinado a viver em uma realidade inadequada, incompatível e até mesmo desumana.

Ser mestre, portanto consiste em ser ético, não criando novas soluções para a educação, mas testemunhando as próprias práticas, seres que escrevem a própria história e rescrever a sociedade, não é mostrar-se maior, nem perder autoridade, ao contrário, é ser admirado pelo o que é e acima de tudo, pelo o que busca ser.

CONCLUSÕES

Quem lê de modo instantâneo e superficial não vive a leitura e, portanto não sabe onde colocar, por exemplo, um ponto final, ou onde somente necessita de uma vírgula, é o mesmo que viver sem excluir ou interrogar... Talvez estejamos escrevendo a mesma coisa todos os dias, abandonando o inovador, para uma rotina inábil, sujeitando a viver apenas. Ler é propriamente possuir consciência da própria vida.

Contudo aprender ler e não escrever se trata de sujeitos covardes e infelizes, pois conhecem mais não agem. Da mesma forma que escrever e não ler



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

não revela sentido, seria o mesmo que viver e não observar e, portanto não corrigir. Logo a escrita e a leitura devem andar juntas.

O educador deve levar estas considerações para o campo de atividade, pois ele não escreve encima de uma pagina em branco, nem sobre qualquer outro objeto, sua relação é baseada na ocasião da escrita do outro e o outro como ocasião de sua própria vida, algo que requer conhecer a realidade de cada individuo, dentre eles, sua situação, cultura, princípios... Para consequentemente não se limitar em informar, contudo formar homens e mulheres políticos.

Logo, são as letras que tem o poder de converter e mudar, palavras sentimentos e frases se resume, portanto, no próprio alimento de cada dia. Entretanto muitos leem, mas poucos escrevem, muitos sonham, mas poucos acreditam, mas também muitos lutam, e nem todos sobrevivem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jorge Miranda. A educação em Kierkegaard e Paulo Freire. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2013.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. 2. ed. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, c 1985, 1992;
- ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FREIRE, Paulo, “Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor”, tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da práxis, 2º. Ed.. São Paulo: Cortez, 1998.
- KIERKEGAARD, S.A. Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. O Conceito de Angústia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- NATAL, Vanderlei Nogueira. Depoimento da professora Amanda Gurgel. Disponível em<<http://www.youtube.com/watch?v=yFkt007lceA&feature=youtu.be>>. Acesso em 23 de Abril de 2013.
- SUASSUNA, Lívia. “Para além do linguístico – a produção escrita na escola”. In: “Creche – evolução e perspectivas”. PAULINO, Graça. Revista Presença Pedagógica v.3 , n. 14, pág. 45-53, mar./abr. 1997.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SAAVEDRA, Miguel de CERVANTES. O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.

TELES, Maria Luiza Silveira. Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.